



Fonte: Vinícius Augusto Domingues Guimarães

In Memoriam

"Quem é esta que vejo pelas fendas da poesia?" – É com este poema-verso que Ariane Mico Sugayama fecha seu livro *Onírica*, de 2018. As páginas, então, vão e vem entre nossas mãos, enquanto buscamos nas fendas de sua poesia aquela que deixou uma profunda saudade, que nos recomendava a leitura de mulheres - Ana, Olga, Susan, Bruna, Clarice, Virgínia -, dedicava seus poemas a elas - Sylvia, Emily, Safo, Cecília -, que foi uma grande amiga das amigas e amigos, e soube viver um grande amor.

E por que não buscá-la também na personagem Blue, criada por ela e estampada no zine 'Pantone: Blue Beauty' – uma garota de olhar distante, "exausta de tanto evitar a colisão de seu barco com os icebergs"? Ou talvez esta seja também aquela ao encalço da alma, "corça azul de pata de fogo", budista cujas memórias têm a "aparência de um pássaro de vidro"? Algo desta ou daquela também estaria no quadro 'Pobre Alice', uma colagem de bordados e costura sobre folhas, pérolas e rendas e certa página do livro *Alice no país das maravilhas*. Sim. Ari – como nós a chamávamos – tinha múltiplos dons: era poeta, artista visual, educadora, tecelã, mediadora, pesquisadora...

Formada em Letras e Doutora em Linguística Aplicada pela PUC (2017), Ari já trabalhava com mediação de leitura antes de conhecer o Pensar Alto em Grupo (PAG) e se entregar, de corpo e alma, à sua prática e estudo. Desenvolvido no âmbito do GEIM, Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora, coordenado desde 1995 pela professora Mara Sophia Zanotto, o PAG representa uma mudança de paradigma

no ensino de leitura literária na escola, e passou a ser objeto de estudo de todos os pesquisadores que figuram neste número da Intercâmbio, como pode ser visto nos artigos aqui publicados. As pesquisas de Ariane contribuíram para desenvolver e consolidar as linhas teóricas que entretecem essa bela prática inspirada em Freire, Bakhtin e Vygotsky, sobre quem ela discorria com toda propriedade.

Sim, Ari também colocou o coração nos seus trabalhos acadêmicos: na dissertação de mestrado, na tese de doutorado e nos artigos acadêmicos publicados em periódicos e citados nos textos deste número especial. Ela também foi a primeira e dedicada ministrante do curso "Construindo uma prática de letramento para formação de leitores", cujo objetivo era ampliar a divulgação do PAG entre professores, no intuito de revolucionar o ensino de leitura. No mestrado, Ariane trabalhou com o poema 'Rosa', de Cecília Meireles, mediando sua leitura com um grupo de meninas de 13 anos, por meio do PAG. Era encantadora sua paixão ao contar como as meninas tinham interpretado as metáforas e identificado no poema uma alegoria da existência humana. Sim. Ari realizou muito e inspirou outros tantos a realizar também.

Assim como a adorada 'Rosa' de Cecília Meireles, Ari também dizia vir "pela escada de espinhos", conforme versa em "Poemar-se", dedicado a Cecília:

A cabeça pende ao
vento das leituras:

sou a rosa que sobe
as escadas de espinhos
entre tantas derrotas.

E o talento é como aquela água viva
que vi e pensei ser um caco de vidro:
ele flutua e desliza
no mar de dolorosas expectativas.

Apesar dos espinhos que ela enfrentou, ousou contrariar alguns versos desse poema: nós a víamos entre imensas vitórias, criativa e plena. Multitalentosa, tudo o que nossa colega fazia resultava cheio de poesia. Ela se foi em 2020, aos 40 anos, deixando um legado de amor e compaixão: seja na face científica, com suas pesquisas acadêmicas, seja na face artística, com sua poesia, bordados e pinturas, seja na face pessoal, dedicada que foi ao amado marido, à família, aos amigos, alunos e colegas, às suas gatinhas, à humanidade...

Se o último poema do livro *Onilírica* indaga quem é aquela vista “pelas fendas da poesia”, o primeiro poema, intitulado ‘Eco’, afirma, entre veemente e profético: Sou penumbra... Sou o silêncio... Sou o abismo... Sou o cristal...

“Sou a espada que talhou o ideograma crise em oportunidade e o misterioso acerto da cegueira do amor.

E o misterioso acerto da cegueira do amor.”

Telma Franco Diniz
Doutora em Estudos da Tradução
Universidade de São Paulo